

*“Com mãos se faz a paz se faz a guerra.
Com mãos tudo se faz e se desfaz.
Com mãos se faz o poema - e são de terra.
Com mãos se faz a guerra - e são a paz.”*

Este excerto do belíssimo soneto de Manuel Alegre é um grito de alerta para o caos em que o mundo se vem transformando. Escrito este poema em 1967, fazendo parte do livro “O Canto e as Armas”, é um manifesto clamor de revolta em plena guerra colonial, protagonizada por Portugal, em África, de 1960 a 1974.

Tomando como baliza o século XX, a Europa estava em guerra desde o início do século: a I Guerra Mundial (1914-1918), cujos resultados não serviram para estancar outros conflitos de grandes dimensões, como a Guerra Civil na Rússia (1917-1923), a Guerra Civil de Espanha (1936-1939), a Guerra Russo-Finlandesa (1939-1940) e a II Guerra Mundial (1939-1945).

Após a vitória dos aliados, outros conflitos armados estalaram em todo o globo: a guerra na Coreia (1950-1953), a guerra no Vietname (1959-1975), a guerra civil na Guatemala (1960-1996), o conflito armado colombiano (1964 – presente com picos de violência nos anos 90), o conflito de Bougainville (1988-1997), a guerra na ex-Jugoslávia (1991-2001), a guerra do Kosovo (1998-2001) a 2.ª guerra no Congo (1998-2003), mais recentemente a guerra na Ucrânia e os conflitos permanentes israelo-árabes têm contribuído para um mundo em sobressalto.

Neste cenário, refletir sobre a importância da paz é um desafio, especialmente quando se vive num contexto privilegiado. Este recanto à beira-mar plantado, que é Portugal, ocupa o 7.º lugar no *Global Peace Index (GPI)* de 2024, sendo um dos países mais pacíficos do mundo. Este índice avalia 163 países com base em 23 indicadores qualitativos e quantitativos, agrupados em três domínios principais: nível de segurança e proteção social, extensão dos conflitos internos e externos e grau de militarização. Desde a criação deste índice, os países europeus, especialmente da Europa Ocidental, têm dominado o topo do ranking, refletindo a estabilidade política, os baixos índices de violência e o desenvolvimento socioeconómico da região.

Contrastando com esta realidade, a Europa de Leste enfrenta desafios distintos, como instabilidade política e socioeconómica, protagonizando os sete conflitos armados ativos no continente, entre os quais se destaca o Conflito Armado Internacional entre a Rússia e a Ucrânia. O relatório do *GPI* indica que, nos últimos 16 anos, tem havido uma deterioração constante do nível global de paz, com conflitos antigos e novos, instabilidade política e polarização cultural a contribuir para esta situação.

Segundo a *Geneva Academy of International Humanitarian Law and Human Rights*, existem atualmente 110 conflitos armados no mundo. Num planeta cada vez mais interligado, fruto da globalização, assiste-se a uma crescente internacionalização dos conflitos: 92 países estão atualmente envolvidos em disputas fora dos seus territórios, enquanto em 2008 somente 33 países se encontravam nessa situação. Embora muitos desses conflitos ocorram em regiões distantes, a interconexão global torna os seus impactos cada vez mais visíveis para os cidadãos europeus, especialmente daqueles que vivem em países que têm compromissos com organizações como a NATO e a ONU.

Mesmo sem estar em “guerra” no nosso país, vivemos num tempo bélico, cheio de opiniões, informação e desinformação. As redes sociais permitiram dar voz a quem clique no botão ‘publicar’, a internet e motores de busca “informam” sobre todos os assuntos, num tempo de ‘imediatos’ e sem tempo para reflexões. Todos têm opinião e todos lêem os títulos rapidamente, partilhando os conteúdos sem tomar atenção e propagando assim notícias que, de verdadeiro ou como atual espelho real do que se passa no terreno, têm muito pouco.

As grandes instituições foram apanhadas neste turbilhão, com títulos rápidos que se propagam rapidamente. Recentemente, um artigo no jornal Público associou a Maçonaria à organização criminosa “Primeiro Comando da Capital” (PCC). Ainda, a Maçonaria aparece nas primeiras capas sempre com títulos sobre se ‘eles’ deixam ou não entrar ‘as mulheres’. Nas Nações Unidas, com o objetivo *unir todas as nações do mundo em prol da paz e do desenvolvimento, com base nos princípios da justiça, dignidade humana e no bem-estar de todos*, chegamos escândalos de organizações para refugiados como a United Nations Relief and Works Agency for Palestine Refugees,

com funcionários ligados a ações terroristas e livros distribuídos nas suas escolas com conteúdos que denigrem toda a instituição.

Para quem liga a televisão, para quem lê jornais, em que acreditar? Se não existe mais nenhuma fonte credível, se apenas lemos os rodapés, como contribuir para a Paz se o que fazemos está longe deste mundo informativo?

- Combatendo a própria desinformação, garantindo e espelhando informação fidedigna e tomadas de posição claras sobre os assuntos da atualidade, pois os valores e os ensinamentos profundos da Maçonaria são mais valiosos que nunca neste tempo tão polarizado. À pergunta “como contribuir para a Paz”, os contributos desta Obediência poderão estar acessíveis de forma cuidada e selecionada, para garantir um pouco de ‘luz’ na escuridão atual das nossas notícias, como medida de antecipação e combate à *ignorância, ao fanatismo e à ambição* na destruição do outro para nos *unirmos a uma só voz e liderarmos pelo Exemplo*.

Repete-se a pergunta: “como contribuir para a Paz?”

A paz tem sido sempre um conceito quase inalcançável ao longo da história da Humanidade. Aqui e ali, somos presenteados com momentos de paz, embora essa não seja a realidade mais frequente.

Em termos filosóficos, a construção e a existência da Paz sempre fez parte das maiores inquietações humanas, a par da Vida e da Morte, da felicidade e da existência do Divino. Embora vivamos tempos de grande progresso tecnológico, as questões fundamentais mantêm-se inalteráveis.

Todos os tempos da história são tumultuosos, por vezes caímos numa certa ingenuidade pueril, quando achamos que no nosso tempo é que existe uma grande convulsão social, contudo nada mais ilusório!

Ao olharmos para trás, verificamos que talvez vivamos no melhor século de que há memória, embora não deixemos de nos espantar com determinados acontecimentos que julgávamos ultrapassados, mas que na realidade não estão, como a guerra no centro da Europa, que atravessamos sem saber prever as suas consequências, bem como todas as suas manifestações.

Vivemos num mundo plural e globalizado, mas extremamente sectário e dividido: reparemos nas manifestações de apoio efetivas aos refugiados da guerra da Ucrânia, e comparemo-las com as atitudes que a Europa tem demonstrado para com os migrantes do norte de África, da Ásia, bem como de outras latitudes, sem esquecer a total cegueira Europeia em relação ao conflito no Médio Oriente.

Os novos desafios que a Humanidade atravessa talvez sejam uma guerra de valores e de ética. É necessário que a Humanidade se una em torno da sua dignidade, para todos e de igual forma.

Hannah Arendt, em “A Condição Humana”, transcende a percepção convencional da guerra como uma perturbação temporária da ordem social, e desafia-nos a ver a violência extrema como uma fenda no âmago da Humanidade. A guerra não é apenas uma quebra física, mas uma fratura que questiona a própria essência do que significa “Ser Humano”.

Colocam-se, de forma imperiosa, algumas das questões, a nosso ver fundamentais: estaremos nós dispostos a olhar o outro na sua plenitude, Independentemente da sua origem étnica, racial ou religiosa?

Quando chegará o dia em que a origem continental e social não seja relevante para a classificação dos homens e das mulheres?

Talvez seja aqui que a Maçonaria feminina possa ter um papel importante e transformador; se cada uma conseguir transmitir ao Outro os valores da verdadeira Liberdade e Igualdade no respeito pela diferença, e não na formatação cultural de cada uma de nós, só o respeito e tolerância pela diferença nos tornará verdadeiramente livres.

Um país sem guerra, como Portugal, pode e deve contribuir para pacificar outros, através do esforço para fomentar a harmonia e o diálogo. No entanto, a ajuda a grupos ou países em guerra poderá não contribuir para terminar com o conflito bélico, mas poderá contribuir para trazer alguma harmonia aos refugiados de guerra, alguma pacificação nas suas atribuladas vidas. Não nos esqueçamos que Portugal recebeu mais de 40 mil refugiados durante a 2.^a Guerra Mundial, o que prova o esforço e contributo humanitário reconhecido internacionalmente.

O conceito de paz transcende a mera ausência de guerra ou violência direta, conhecida como “paz negativa”. Esta perspetiva mais tradicional, focada exclusivamente na eliminação de conflitos armados, ignora as causas estruturais, económicas e culturais associadas aos mesmos. Para alcançar uma paz duradoura, é necessário adotar o conceito de “paz positiva” que vai além de uma abordagem reativa, incorporando estratégias preventivas e integradoras. Este conceito de paz implica a criação de condições que favoreçam o bem-estar humano, promovam a justiça social, assegurem a estabilidade económica e garantam a sustentabilidade ambiental, destacando a necessidade de construir estruturas e sistemas que para além de resolver os conflitos, também previnam o seu (res)surgimento; é fundamental reforçar a fraternidade sem perder a identidade e a primazia dos valores em detrimento dos interesses financeiros; respeitar a diversidade de culturas e dar dignidade à vida de cada ser humano e exigir, dando oportunidades e valorizando com justiça, o contributo de cada pessoa para a sociedade em que está integrada.

Podemos fomentar o diálogo, evitar e tentar resolver conflitos, cultivar o respeito e a generosidade, minimizar discordâncias em casa, em família, no emprego, na vizinhança, entre amigos e entre os conhecidos assegurar a paz (inspirando pelo exemplo) e assim consolidaremos – mais do que pensamos e acreditamos – a Paz.

E um dos desafios centrais para a promoção da Paz mundial é o combate ao poder desproporcional da indústria militar, o que permitiria a redução de conflitos armados e a redirecção dos recursos para o bem-estar global. Enfrentar este poder só será possível com uma combinação de ação política, pressão popular e compromissos globais, já que é impulsionado por interesses económicos e estratégicos, de militarização excessiva, influenciando políticas nacionais e internacionais que se baseiam na perpetuação de conflitos.

A existência de um mundo multipolar é ao mesmo tempo um desafio e uma oportunidade, uma vez que a manutenção da Paz dependerá da criação de mecanismos de cooperação (mais que de competição), de equilíbrio de interesses e de respeito mútuo.

Promover o combate às desigualdades económicas, incentivando o comércio justo e sustentável, defender o acesso à cultura e à aprendizagem e entender a diversidade como força e não como fraqueza conduzir-nos-ia, de certeza, num belo caminho.

Não se trata apenas de alcançar um estado ideal de paz, mas de embarcar num processo contínuo e dinâmico de construção e transformação das relações humanas e institucionais. Conforme expressa a "Carta da Terra", promover uma cultura de tolerância, não violência e paz, exige "reconhecer que a paz é a plenitude criada por relações corretas consigo mesmo, com outras pessoas, outras culturas, outras formas de vida, com a Terra e com o todo maior do qual fazemos parte". Este princípio ressoa profundamente com os valores maçónicos e assume significado especial para os maçons e maçonas ao refletir o trabalho simbólico de construção do Templo, tanto interior como coletivo, simbolizando não apenas o aperfeiçoamento pessoal, mas também a edificação de uma sociedade mais justa, inclusiva e harmoniosa.

O respeito pelas instituições e Leis internacionais é fundamental.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos foi proclamada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948 como reação ao desprezo e desrespeito pelos direitos humanos ocorridos na 2.^a Guerra Mundial e aos atos de barbárie que se verificaram em grande parte da Europa. Proteger as gerações futuras da sua eventual repetição, através da criação de um Direito Internacional centrado no reconhecimento da igual dignidade inerente a todos os seres humanos e dos seus direitos fundamentais, foi um dos principais objetivos da sua adoção. O direito à paz, como novo direito humano, reconhecido às gerações presentes e futuras da Humanidade, começou a ser delineado. Foi reafirmado em vários instrumentos jurídicos internacionais, como pré-condição do respeito pelos direitos humanos no território dos Estados membros das Nações Unidas, ao longo das últimas décadas. Particularmente importante no reconhecimento do direito à paz como condição primordial para a sobrevivência da Humanidade no Planeta foi a Declaração sobre o Direito dos Povos à Paz, aprovada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, de 12 de novembro de 1964, onde se reconhece que “uma vida sem guerras constitui o primeiro requisito internacional para o bem-estar material, o desenvolvimento

e o progresso dos países, e para a plena realização dos direitos humanos e liberdades fundamentais proclamados pelas Nações Unidas”.

Portugal, como Estado membro desta organização internacional que congrega a quase totalidade dos Estados hoje existentes, deve contribuir para o respeito deste direito, no plano interno e no das relações internacionais. A Maçonaria como organização não governamental, assente nos valores que estiveram associados ao reconhecimento e consagração no Direito Positivo dos direitos humanos, tem como imperativo ético contribuir para que o valor da Paz seja sempre respeitado. A Grande Loja Feminina de Portugal contribui para esse esforço, convidando as Irmãs a sempre defender e a contribuir para a implementação de uma cultura de Paz, de não-violência e de resolução pacífica dos conflitos em todo o Mundo. Como responsáveis pela educação das gerações futuras, como profissionais em todas as áreas de atividade, é dever de todas as Maçonas promover a não-violência através do diálogo e do convite à cooperação entre os diferentes grupos presentes na nossa sociedade, centrada nos valores da democracia, da solidariedade, da justiça e da liberdade. Todas deveremos ser agentes nos diferentes papéis sociais que desempenhamos nas nossas vidas, defendendo uma cultura de Paz cujos valores essenciais devem ser transversais a todas as ações e decisões da nossa Obediência.

O contributo da Grande Loja Feminina de Portugal para a paz deve passar pela promoção mais afincada e pública dos valores éticos que regem a Maçonaria. A condição de Ser Maçona é especial, pois promove e reforça os valores da Liberdade, Igualdade e Fraternidade. Desta forma, a busca pela verdade, a prática da solidariedade e a promoção de entendimentos e da tolerância promovem a sã convivência em sociedade. De igual modo, através de iniciativas educativas, como conferências, workshops e programas de voluntariado, a nossa Obediência também pode fomentar o diálogo e a consciencialização de que a paz não é apenas a ausência de conflito, mas a presença ativa de justiça, solidariedade e respeito mútuo.

Além disso, é essencial promover o diálogo intercultural, a mediação de conflitos e a defesa dos direitos humanos, criando um espaço de reflexão sobre valores universais e

promovendo a construção de uma sociedade mais justa e equilibrada, alicerçada nos princípios que a Maçonaria aclama.

Na vida quotidiana temos o dever de vivência ética com comportamento exemplar pautando pela verdade e pela justiça, agindo em sociedade, incentivando o diálogo, procurando dirimir conflitos através da compaixão e empatia.

A prática da tolerância e a educação para a cidadania ativa pela paz, provendo o respeito pela diferença e pela cooperação, deve começar desde cedo. É na escola que esse início deve ter lugar. Num momento em que a disciplina de Cidadania é atacada por questões ideológicas, poderemos refletir se não será essa a base que desde cedo promove a tolerância pela diferença e pela diversidade, principalmente num tecido social por vezes fragmentado e polarizado. É nosso entender que sim.

Diz o senso comum que se queremos mudar o mundo, deveremos começar pela nossa casa, pelo nosso país e depois o mundo.

Como Maçonas que somos, aspirando ao nosso aperfeiçoamento interior, não deixamos, todavia, de ser Mulheres do nosso tempo. Assim sendo, cada uma pode questionar-se sobre que contributo tem oferecido à sociedade, à nossa Ordem e até a si própria. Vivemos tempos extraordinários de avanços tecnológicos mas também do regresso do medo, tempos que requerem pessoas extraordinárias, capazes de sair da sua “concha” e contribuir com algo substancial na defesa dos nossos valores e princípios, porque são Universais, porque fazem a apologia da justiça e da equidade.

Enquanto Maçonas, devemos conter o fervilhar das nossas emoções para receber com sabedoria mulheres livres e aflitas, num mundo onde as trevas têm ofuscado a luz.

Temos o dever de usar a nossa voz em honra das mulheres silenciadas, em honra daquelas que lutaram pela nossa liberdade e em honra das futuras mulheres. Somos a ponte para o futuro, o trabalho começa dentro de nós, mas reverbera no mundo profano.

Uma ordem iniciática feminina tem o poder de propagar valores e influenciar o coletivo, contribuir para a transformação da sociedade e promover a interconexão entre mulheres da nossa nação e ao redor do mundo, este mundo que nos pede ação, benevolência e fraternidade.

“Tempos de Paz – entre o Desejo e a Utopia”: A importância de contribuirmos para a Paz

Numa era de superinformação e desinformação e em que esta atinge uma velocidade supersónica, o que nos cabe fazer para contribuir para a paz?

Atualmente dispomos de instrumentos avançados que ampliam a nossa comunicação e redefinem perspetivas. A tecnologia pode contribuir para a paz e elevar os pensamentos desde que pessoas empenhadas assim desejem. Tradição e tecnologia podem andar juntas, assim como enviamos estes contributos e fortalecemos os nossos laços, também podem ser usadas de forma discreta para mostrar a verdade. Guerra e paz vão coexistir sempre, práticas de batalha da nova geração ou estratégias bem-sucedidas da guerra disfarçada de paz. A fraternidade é especialmente importante em momentos de conflito.

Que a nossa Ordem seja forte o suficiente para cultivar este e outros valores, que nós, enquanto Maçonas, nos comprometemos a defender e a promover.

Relembrando Nelson Mandela, na Convenção Mundial para Paz, na Índia, em 2004,

“Os seres humanos serão sempre capazes de encontrar argumentos a favor da confrontação e do não compromisso. Porém, nós, os seres humanos, somos capazes de razão, compaixão e mudança.”

Dissemos.

A Comissão de Ética e Bioética

Traçado a Oriente de Lisboa, 4 de Dezembro de 2024